

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Katiuscia Medeiros Gonçalves

ANTROPOLOGIA E FOTOGRAFIA: UM ENCONTRO DE PRÁTICAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Carlos P. Reyna

Juiz de Fora
2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Katiuscia Medeiros Gonçalves**, portador do documento de identidade nº 13.700.536 e CPF nº 065.650.066-28, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201073058A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Antropologia e Fotografia: um encontro de práticas.**, desenvolvido durante o período de 07 de abril de 2016 a 10 de julho de 2016 sob a orientação do Prof. Dr. Carlos P. Reyna, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 19 de julho de 2016.

KATIUSCIA MEDEIROS GONÇALVES

Antropologia e Fotografia: um encontro de práticas

Anthropology and Photography: a meeting practices

Katiuscia Medeiros Gonçalves¹

RESUMO

O seguinte trabalho apresenta uma sucinta análise² do encontro de práticas entre fotografia e antropologia, passando um pouco pelo primeiro momento em que houve o encontro dessas duas práticas, que nasceram simultaneamente no século XIX, período que marcou tal encontro, traçando então uma breve trajetória, discorrendo assim por alguns importantes trabalhos etnográficos que se utilizaram da fotografia, inclusive na apresentação de seus resultados. O trabalho versa ainda sobre algumas especificidades da fotografia na antropologia, apresentando algumas dessas especificidades que por vezes tendem a ser também críticas como a exemplo do uso como forma de evidenciar, que é tido como especificidade e crítica ao mesmo tempo, o que acaba por levar a falar também sobre algumas dificuldades do uso da fotografia na antropologia, com uma breve apresentação das perspectivas de Bóris Kossoy e Andréa Barbosa, bem como análise de livros e artigos de diversos autores. Contudo não há aqui a pretensão de aprofundar em nenhum dos temas, pois serão somente as primeiras reflexões de um projeto particular que ainda terá futuros desdobramentos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Antropologia. Imagem

ABSTRACT

The following paper presents a succinct analysis the meeting practices between photography and anthropology, passing a little by the first time there was the meeting of these two practices, both born in the nineteenth century, a period that marked such a meeting, then tracing a brief history, discoursing so for some important ethnographic works that used photography, including the presentation of its results. The work also deals with some photography specifics in anthropology, with some of those specifics that sometimes tend to also be critical as the example of the use as a form of evidence, which is considered specific and critical at the same time, which ultimately lead also talking about some difficulties in the use of photography in anthropology, with a brief presentation of the prospects of Boris Kossoy and Andrea Barbosa and analysis of books and articles by various authors. However there is here pretend to delve into any of the themes, it will be only the first reflections of a particular project that still have future developments.

KEYWORDS: Photography. Anthropology. Image.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade abarcar brevemente o encontro de práticas entre fotografia e antropologia.

A história da antropologia coincide com a da fotografia, pois ambas nasceram praticamente juntas e vem caminhando lado a lado, pois a fotografia passou a ser um elemento a mais para a antropologia, uma vez que possibilitou o registro de ocorrências, afirmando uma participação do antropólogo.

O uso decorrente das imagens pela antropologia, fez com que muitos antropólogos e etnógrafos se utilizassem das imagens em seus trabalhos, neste trabalho serão apresentados brevemente alguns trabalhos que utilizaram imagens e a finalidade com que essas foram utilizadas.

Será versado mesmo que brevemente sobre trabalhos muito importantes para a antropologia como o de Alfred C. Haddon, Malinovski e Bateson e Mead, dentre outros.

Muito já se ouviu falar sobre o uso das imagens na Antropologia. Existem debates sobre esta questão, contudo ligados à sua capacidade de representação e da utilização das imagens como documento. Porém não

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: katiwjf@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Carlos P. Reyna

² Não é pretensão fazer um trabalho ontológico sobre esses diálogos. A intenção é começar uma reflexão que possa nos permitir futuras pesquisas que envolvam essas duas práticas.

há neste trabalho a pretensão de discutir acerca desses debates, nem sequer entrar nas questões ontológicas da utilização da fotografia na antropologia, e sim, de apresentar de forma sucinta, a maneira como a imagem fotográfica pode ser utilizada nesse campo como colaboradora para os dados de pesquisa e algumas dificuldades enfrentadas pela mesma.

Eventualmente, antropólogos em suas pesquisas de campo sejam no espaço urbano ou em sociedades indígenas, se defrontam com situações onde suas anotações e gravações não dão conta dos detalhes do meio estudado.

Uma das áreas da antropologia que se destina à antropologia sócio cultural que utiliza suportes imagéticos para analisar ou descrever algumas culturas ou aspectos particulares de determinada cultura é a antropologia visual e as principais atividades que estão associadas a essa antropologia, são os documentários etnográficos e monografias que articulam fotografias. Neste ponto, a Antropologia visual tem contribuído em partes com a antropologia, e não apenas como ilustração, mas também como método complementar às demais técnicas. Isto mostra algumas especificidades da fotografia, que pode ser utilizada de forma a corroborar com os trabalhos, seja somente como ilustração ou inter-relacionada com o texto.

A fotografia e o vídeo, no entanto, são usadas como suportes mais acessíveis e usuais, sendo esses suportes utilizados como elemento de análise e também como documentação. Nesse contexto, a fotografia pode ser acatada como um banco de dados seguro, podendo conter um conjunto de imagens virtuais, registradas pelo pesquisador em sua pesquisa, e que pode vir através do olhar do mesmo a ganhar sentido explicativo ou discursivo.

Para a elaboração deste artigo foi realizada uma pesquisa qualitativa, com proposta de análise de artigos e livros de diversos autores, além de consultas em sites que versavam sobre o assunto, sendo feita a apresentação das perspectivas de Bóris Kossoy e Luciana Bttencourt sobre os usos da fotografia pela antropologia.

2- O ENCONTRO DE PRÁTICAS ENTRE ANTROPOLOGIA E FOTOGRAFIA E UMA BREVE TRAJETÓRIA

2.1 O encontro de práticas

A invenção da fotografia coincidiu com a aceleração do colonialismo no século 19 e o surgimento de novas disciplinas acadêmicas, como a antropologia e a etnologia. Diante de tal declaração Milton Gurhan (1995) aponta que antropologia e fotografia nasceram simultaneamente no século XIX, período esse que marcou o encontro dessas duas práticas e a partir da década de 1930 houve uma recorrência na espontaneidade das fotografias, pois a evolução da tecnologia facilitou a utilização da fotografia.

Contudo, houve bastante aproximação no decorrer da história do paralelismo entre a criação de métodos antropológicos clássicos e da construção de uma linguagem do cinema e da fotografia.

Essas aproximações expressaram olhares e construções de problemas de forma semelhante, colaborando em distância e provocadora, evidenciando como a construção imagética e a antropologia, enquanto construções culturais compartilham o desafio de entendimento e significado do mundo e sua diversidade. (BARBOSA; CUNHA, 2006)

A partir da década de 1860, a câmera fotográfica passou a ser usada como dispositivo para coletar informações, registrar sociedades e classificar os indivíduos dentro do contexto colonial.

Em um artigo concebido como introdução para a obra Antropologia e Fotografia no Brasil, publicado em Cadernos de Antropologia e Imagem 2 (1996), Elizabeth Edwards aponta que por volta de 1920, haviam se desenvolvido a antropologia social profissional instituinte e se estabelecia o trabalho de campo individual como prática principal, e uma crescente ênfase sobre uma análise detalhada da organização social, que não necessariamente se concebia como visível nas fotografias.

De acordo com Andréa Barbosa e Edgar Cunha (2006), durante o século XIX, se caracteriza o surgimento e caracterização de uma etnologia e dos registros visuais, que apontaram para questões fundamentais sobre tais formas de representação. Barbosa e Cunha declaram que o início do século XX foi um período turbulento e de grandes transformações, pois arte e ciência procuravam criar novas maneiras de representar e de conhecer um mundo mergulhado em processos transformacionais acelerados, crises e turbulências.

No entanto, mediante essa busca, o contato com o mundo primeiramente, era tarefa pensada no momento como possível, uma vez que existiam naquele momento, novos instrumentos audiovisuais e novos métodos etnográficos. Neste sentido Hélio Lemos Sôlha (1998) afirma que o século XX foi inaugurado sob a

defesa da tecnologia, já que o futuro já estava acometido por uma crescente mecanização e um desenvolvimento científico constante. O que então era restrito a laboratórios, começou a se estender a um maior número de pessoas.

Às vistas disso, tanto Barbosa e Cunha (2006) quanto Sôlha (1998) afirmam também que a multiplicação das expedições científicas de várias matérias e as técnicas filmicas e fotográficas possibilitou a partir dessa época, o registro de ocorrências de um mundo mais aberto do que o que o continente europeu delimitava e permitiu uma maior apreensão da diversidade tanto racial quanto social.

Com o decorrente uso das imagens na antropologia, foram muitos os antropólogos que se utilizaram dos recursos imagéticos em seus trabalhos, porém tratarei de alguns aqui, como Alfred C. Haddon, Joseph K. Dixon, Edward Curtis, Cândido Rondon no Brasil, Malinowski e Margareth Mead e Gregory Bateson, com o objetivo de traçar uma breve trajetória do uso da fotografia pela Antropologia com o decorrer do tempo.

Há muito que se falar sobre esses trabalhos, porém não cabe aqui fazer uma apresentação massiva de cada trabalho, e sim, apresentar brevemente como e com qual finalidade cada trabalho foi constituído.

2.2 Breve trajetória

Dando início então a breve trajetória da utilização da fotografia pela antropologia, está o trabalho de Alfred C. Haddon em 1889 com sua expedição ao Estreito de Torres.

Em um artigo publicado em "Australian Dictionary of Biography", o autor Steve Mullins (1996) aponta que Haddon foi um importante zoólogo ao qual Huxley sugeriu que fosse para o Estreito de Torres para elaborar sua expedição, a qual ele queria fazer para promover Darwin. Porém, ainda de acordo com o autor citado anteriormente, tal escolha provocou em Haddon, um permanente interesse intelectual na área o que o levou a se converter à antropologia.

Segundo Marcus Banks (2009), Haddon em 1898 chefiou uma expedição etnológica às ilhas do estreito de torres, com o objetivo de registrar costumes, linguagens e outras características que distinguiam o povo ilhéu antes do contato com os europeus.

Mullins (1996) aponta que tal expedição teve duração de sete meses em 1898, e foi inovadora em quase todos os aspectos do seu trabalho, pois embora Haddon nunca tenha se separado do paradigma evolucionário dominante na antropologia do século XIX, sua expedição ao Estreito de Torres foi em grande parte empírica, com uma metodologia baseada em zoologia. Ainda de acordo com o autor mencionado anteriormente, o resultado obtido dessa expedição foi uma etnografia regional, sofisticada e rigorosa, que em grande parte Haddon editou e publicou em seis volumes entre 1901 e 1935 em Relatórios da Cambridge Expedição Antropológica ao estreito de Torres.

A dedicação de Alfred C. Haddon ao trabalho de campo intensivo o diferiu da geração de antropólogos anteriores a ele, e teve então uma influência sobre o desenvolvimento da antropologia britânica.

Banks (2009) afirma que foi uma expedição de significância, principalmente pelos usos da fotografia, esse mais extenso e pela utilização da câmera de cinema, embora esse método tenha sido mais limitado.

Outro precursor do uso das imagens na antropologia é Joseph Kossut Dixon, que foi financiado por Rodman Wanamaker, que por sua vez era herdeiro da fortuna Wanamaker e defensor político pelos direitos dos nativos americanos.

De acordo com uma matéria encontrada em Massachusetts Historical Society: Fotografias de nativos americanos, Wanamaker financiou algumas expedições com a intenção de documentar a vida e a cultura indígena através de imagens e som, pois estava preocupado com o desaparecimento desta raça.

Dixon era o fotógrafo oficial das expedições e também líder, e produziu mais de oito mil negativos conforme apresentado na matéria citada anteriormente, e em 1908, viajou para a reserva Crow em Montana com o objetivo de filmar uma versão do poema de Henry Longfellow, "Canção de Hiawatha", onde ele utilizou os próprios nativos americanos como atores, e também fotografou os corvos em seu acampamento em Little Big Horn. Nesta expedição de Dixon na reserva Crow, bem como nas seguintes que ele liderou e fotografou, suas fotografias eram criticadas pelo sentimentalismo do fotógrafo, que enfatizava o romantismo do "bom selvagem", uma vez que a mensagem que suas imagens buscavam passar era a de simpatizar os nativos americanos nos corações dos cidadãos brancos, fora manter viva a cultura e a vida indígena caso essa desaparecesse.

Uma experiência posterior a essa é a de Edward Curtis, que teve seu trabalho financiado por JP Morgan, e iniciou em meados de 1906 seus estudos sobre o índio norte americano. Sara Brandon (2002) em seu artigo intitulado "Edward Curtis, uma construção imagética do índio americano", publicado na revista Studium n. 9. online, afirma que o objetivo principal de Curtis era o de capturar a "indianidade" do índio americano. Em

conformidade com isso, Hélio Lemos Sôlha (1998) em seu trabalho “A construção dos olhares: Imagem e Antropologia Visual”, aponta que Curtis buscava em seu trabalho, realizar uma documentação fotográfica minuciosa do índio norte-americano.

Conforme Brandon (2002), o pensamento ligado à época visava à promoção do oeste americano como um tipo de paraíso exótico, com o slogan de “O destino manifesto”, que representava a convicção de que por conta do rápido crescimento do território norte-americano, o destino dos EUA era o de avançar ao oeste, civilizando-o, e neste ponto o índio era tido como ameaça a essa expansão. Neste sentido, a autora ainda atesta que devido a isso, Curtis acreditava que seria irremediável a morte da cultura nativa mediante a essa expansão e em conformidade a isso decidiu registrar o nobre “índio”, antes que sua cultura e recordações fossem preenchidas pela civilização. No que concerne a isso, Sôlha (1998) aponta para o fato de que Curtis tinha através de suas fotografias, o intuito de documentar um povo que estava fadado ao desaparecimento, e utilizava a fotografia em seus trabalhos de maneira a seguir uma ligação entre reprodução artística e científica, portanto suas fotografias tendiam a ser românticas como as demais da mesma época.

Em concordância com a afirmação anterior, Brandon (2002) aponta que o estilo metodológico romântico utilizado por Curtis fazia parte de um movimento artístico em fotografia que apresentava uma imagem com aspectos de pintura, pois este era o estilo da época. Segundo Sôlha (1998), entre 1907 e 1930 Curtis publicou volume a volume seu trabalho “Os índios norte americanos”, que totalizou 20 volumes. Nesse contexto o autor afirma que Curtis utilizou as imagens como se elas tivessem sido realizadas antes do contato dos índios com o “branco”, como se fossem imagens do passado, sem interferências. Consoante a isso Sôlha afirma ainda que Edward Curtis utilizava a fotografia então em seu discurso com um meio naturalmente adequado para a produção de imagens do passado.

Isso contribuiu efetivamente para o objetivo principal da produção das fotografias em seus trabalhos, que era o de produzir documentos que provassem a memória, que trouxesse recordação, pois de acordo com o pensamento antropológico da época, a preocupação fundamental era com o desaparecimento total de elementos contribuintes para desenvolver a compreensão científica do homem.

Outro importante trabalho, este realizado no Brasil, foi o do Marechal Cândido Rondon, que chefiou comissões instauradas pelo governo a partir de 1890, com intenção de implementar postos e linhas telegráficas pelo interior do Brasil. Fernando Tacca (2011), em seu trabalho “O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio”, aponta que Rondon, em uma de suas principais ações comissionais, chefiou a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, que se encerrou somente em 1916.

As comissões telegráficas contavam ainda com zoólogos e outros cientistas para fazerem um levantamento de fauna e flora e também topográfico e geográfico, e ainda colhiam dados etnográficos e mediavam com os grupos de índios encontrados.

Tacca (2011) acrescenta que, para a produção da documentação visual dos trabalhos feitos pela comissão, Rondon aceitou uma proposta feita pelo então tenente Luiz Thomaz Reis, e então foi criada a Seção de Cinematografia e fotografia do SPI. Foram trazidos equipamentos cinematográficos e fotográficos da Europa, utilizando-se de uma tecnologia que ainda não existia no Brasil. Os primeiros registros imagéticos da comissão datam de 1914. Porém, Fernando Tacca (2011) aponta que Reis não seria o único fotógrafo das várias expedições, pois se destacaram outros como José Loro e Carlos Lako.

Por conhecer o poder de persuasão da imagem para divulgar os trabalhos, Rondon encaminhou aos seus superiores e às autoridades políticas, centenas de fotografias que ilustravam os relatórios. Enquanto isso Reis publicava os artigos e tornava públicos os filmes nos principais meios de imprensa do país, com o objetivo de alimentar o espírito nacionalista, principalmente para a elite urbana “sedenta” de informações sobre o sertão brasileiro ainda desconhecido, ou seja, inexplorado para eles.

O uso das fotografias na coleção Índios do Brasil, que foi publicada em três edições, abarca toda a produção visual registrada desde o início das comissões das linhas telegráficas, até a extinção da Inspeção da fronteira. Nesses três volumes há um diálogo entre imagem e texto, contudo de diferentes formas, pois no primeiro volume a intenção era mostrar os índios em contato com as pessoas da comissão, já na segunda edição, busca-se omitir a presença dos integrantes da comissão, buscando passar a impressão que os índios se encontravam isolados de qualquer contato com o homem branco, reforçando a ideia do índio como parte da identidade nacional. Neste sentido, de acordo com Tacca (2011), a terceira edição reforça a ideia de que o índio passaria a conhecer sua própria história, a formação de sua nação, podendo conhecer um pouco sobre ela.

Sobretudo, a fotografia na comissão Rondon era utilizada então de maneira a mostrar que o povo indígena era um povo pacífico e não bárbaros como os viam no senso comum, mostrando que esses povos poderiam ser integrados no conjunto nacional.

Dando sequência às experiências etnográficas que utilizaram imagens, um próximo trabalho muito importante para a antropologia foi o de Malinovski, em especial os Argonautas do Pacífico em 1922.

Malinovski, segundo Etienne Samain (1995), utiliza a fotografia em Argonautas do Pacífico Ocidental ultrapassando a simples ilustração, pois as usa fazendo um vaivém entre legendas e fotografias, o que leva o leitor a retornar a prancha correspondente ao texto, tornado aparente que para Malinowski, textos e imagens se reiteram na elaboração de uma antropologia que descreve profundamente.

Em os argonautas do Pacífico, Malinovski inseriu as fotografias no corpo do livro, e não ao final como forma de apêndice, pois buscava passar informação e um maior entendimento do texto com suas pranchas.

Samain afirma que nem o texto, nem a fotografia bastam por si só, ambos se complementam, pois, “Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação.” (1995, p. 34).

Em Argonautas do Pacífico já não há mais como nos trabalhos anteriores a intenção de resgatar um povo fadado a desaparecer, e sim a intenção de apresentar um pouco da cultura do povo trobriandês, através de um sistema comercial denominado Kula, o qual Malinovski se propôs a descrever da seguinte maneira:

[...] tornar-se-á evidente que se trata de um fenômeno econômico de considerável importância teórica. Reveste-se de um significado extremo na vida tribal dos nativos que vivem dentro do seu circuito, sendo a sua importância totalmente reconhecida pelos próprios, cujas ideias, ambições, desejos e vaidades estão directamente relacionados com o Kula (1997, p. 18).

De acordo com Samain, o que Malinovski busca com suas pranchas, o objetivo principal das suas fotografias então é:

[...] que elas possam estabelecer relações, inter-relações, oposições de toda ordem. Para tanto, refere trabalhar com conjunto de fotografias (duas, muitas vezes; mas também séries ou seqüências). Malinowski agrupa suas fotografias, não as isola (1995, p. 40).

Ou seja, as fotografias de Malinovski fazem uma forma de ligação entre si e com o texto, levando maior informação a partir do momento em que evidencia o inter-relacionamento entre fotografia e texto, no discursos antropológico e científico em geral.

Um trabalho posterior a Argonautas do Pacífico e tão importante quanto tal, foi o trabalho de Gregory Bateson e Margareth Mead, com o renomado Balinese Character, onde Bateson e Mead estavam preocupados com os estudos da cultura, e em lidar com a relação entre estes estudos como um sistema de conhecimento, ou seja, como experiência pessoal e de personalidade da sociedade em questão.

Esse título é tido como referência pelos que vêm os recursos imagéticos como instrumento disposto para pesquisas nas ciências sociais.

De acordo com Becker (1981), eles estavam em busca de novos caminhos para apresentar suas ideias, então se utilizaram de recursos imagéticos, e com isso apresentaram seus resultados nesse trabalho que é considerado ainda nos dias atuais um dos mais ambiciosos trabalhos de fotografia antropológico já apresentado. Ainda de acordo com o autor, os objetivos deles eram claros quanto ao trabalho, pois não se tratava sobre os costumes, e sim sobre os balineses, sobre como na vivência deles os mesmos incorporam a abstração, a qual chama de cultura. Neste ponto João Martinho de Mendonça (2005, p. 81) aponta que para Mead, “Não mais havia a intenção de mostrar um ou outro aspecto isolado do trabalho de campo eventualmente relacionado ao texto principal, mas sim o desejo de constituir descrições e interpretações inteiramente relacionadas às imagens coletadas”. Em face disso, Andréa Barbosa e Edgar Cunha (2006) afirmam que Mead e Bateson procuravam por meio de registros visuais, compreender e assimilar o ethos balinês e que tinham a pretensão de realizar uma pesquisa sobre os balineses, sobre o caráter balinês e não somente sobre seus costumes, de forma a compreender através do movimento, dos olhares, dos gestos.

Becker (1981) aponta que Balinese Character continha 759 fotografias organizadas em 100 pranchas, cada uma contendo de 6 a 11 imagens, e com isso eles mostraram que com a utilização da fotografia, a totalidade de cada comportamento podia ser preservada, enquanto os cruzamentos desses comportamentos culturalmente padronizados podiam ser obtidos com a exposição de uma série de fotografias, pois ao serem colocadas lado a lado, davam a dimensão da diferença entre elas. Neste sentido João Martinho de Mendonça afirma que:

A inter-relação constante entre figuras e pranchas- dança-movimento - confere uma perspectiva holística à abordagem da cultura balinesa. Cada tema nunca aparece de forma isolada e é somente através da fruição de todo conjunto imagético- textual que se começa a perceber um pouco melhor a dinâmica da representação construída em torno da sociedade e do povo balinês (2005, p. 82).

Portanto, neste trabalho a fotografia tem significado mais amplo que o de uma imagem isolada, pois exprime a teoria complicada sobre as formas de estímulo procuradas pelos balineses. De acordo com Mendonça (2005) esta apresentação tende a indicar o lugar que a imagem ocupou em *Balinese Character*, que foi uma forma de publicação inédita até então no campo da antropologia.

Segundo Barbosa e Cunha (2006), Mead e Bateson conferiram ao uso da fotografia e do filme um papel fundamental em sua pesquisa. Ainda de acordo com os autores citados, esse papel, porém estava ligado à crença na objetividade que o registro fotográfico e o filmico têm na preservação de registros nas expressões visuais de padrões de cultura que poderiam se extinguir posteriormente. Com isso seria tarefa da antropologia tornar possível o estudo das mesmas antes que elas viessem a desaparecer, e nesse sentido os registros fotográficos como instrumentos poderosos de apreensão dessas culturas.

Consoante à afirmação dos autores citados anteriormente Becker (1981) afirma que Mead e Bateson sugerem que as descrições verbais não conseguem apreender o que o visual desvenda e diz. O autor aponta ainda que este livro constitui um revolucionário metodológico na técnica de coletar dados, consolidando a fotografia como ferramenta de investigação cultural.

Mead (1975) apontou que os recursos imagéticos trazem novas possibilidades e oportunidades nos processos etnográficos de conhecimento e representação do outro, porém a autora mesmo aponta para a questão da falta de conhecimento de técnica de alguns antropólogos.

Mediante a isso, cabe apresentar a seguir alguns benefícios que as imagens podem trazer para a antropologia.

3- ALGUMAS ESPECIFICIDADES DA FOTOGRAFIA NA ANTROPOLOGIA E ALGUMAS DIFICULDADES DO SEU USO PELA MESMA

3.1 Algumas especificidades

Com a revolução industrial no início do século XIX, segundo Boris Kossoy (1989), pôde verificar-se desenvolvimentos nas ciências em seus variados campos, e durante esse processo de transformação econômica, cultural e social, surgiram uma série de invenções que posteriormente influenciaram nos rumos da história moderna, e dentre essas invenções, estava a fotografia, com papel fundamental, no que dizia respeito à inovação de informação e conhecimento, bem como instrumento de apoio a pesquisa em diferentes campos da ciência. Ainda de acordo com o autor, a fotografia veio para ficar. A utilização deste meio visual foi então aderida pela antropologia com a antropologia visual. De acordo com Luciana Bittencourt:

[...] desde os seus primórdios a antropologia se preocupa em utilizar meios visuais para representação da realidade social, principalmente do local, peças culturais ou dos participantes de algum ritual, e com isso a imagem, sendo os seus principais meios nesse campo a fotografia e o vídeo, que tem contribuição significativa na documentação, contudo, como forma auxiliar, uma vez que ainda prevalece a palavra como instrumento básico para aprender e compreender fenômenos sociais (1998, p. 197).

A documentação imagética representa determinada importância, pois dinamiza o processo de coleta de dados e abre novas possibilidades de análise e interpretação, que até então estavam restritos a memória do pesquisador.

Uma das características da fotografia é que ela é fonte inesgotável de informação e visual, o que concerne aos trabalhos etnográficos uma aura informacional, pois através das imagens podem mostrar o meio estudado. Portanto, segundo Kossoy:

As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos, e, por consequência da realidade que as originou (1989, p. 20).

Esse é um dos motivos pelo qual se torna importante a utilização da imagem fotográfica em trabalhos de campo, pois pode passar a quem o vê, um determinado entendimento da realidade do ambiente fotografado. De acordo com o autor, a informação é transmitida visualmente, e um fato representado através de uma imagem não será colocado em dúvida (Kossoy, 1989). Pois sua fidedignidade é aceita em geral, decorrente do privilegiado grau de credibilidade, pois traz realidade e exatidão aos fatos fotografados.

Neste ponto Susan Sontag afirma que, fotos oferecem um tipo de confirmação, uma vez que, “Algo de que só ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto.” (2004, p. 30).

Portanto, a produção de imagens na pesquisa de campo pode servir como uma maneira comprobatória, já que pode afirmar que o antropólogo esteve em determinado local, pois fotos nos dão um testemunho do real, comprovando muitas das vezes aquilo que não se acredita quando se ouve falar ou quando se lê, e mesmo que ela distorça, sempre haverá o pressuposto de que algo semelhante existiu ou existe, e é a imagem que possui a maior proximidade com a realidade visível. (SONTAG, 2004).

No que concerne a Bittencourt, “[...] a percepção que se tem da imagem é de vestígio material, o que sobrepõe à qualidade de artefato cultural que congrega os domínios do perceptível, do real e do imaginário.” (1998, p.199). Porém, a forma de realismo atribuída à imagem, decorre de uma interpretação que a cultura orientou, a considerar apenas o aspecto visual e a esquecer das outras dimensões que a compõem. Neste contexto ainda segundo a autora “[...] a imagem torna-se a prova material da presença do etnógrafo em campo, podendo também ser percebida como vestígio material do seu tema.” (1998, p. 198).

Consoante a Barthes (2011, p. 95), “[...] a fotografia não rememora o passado, ela não restitui o que é abolido, e sim atesta que o que se vê de fato existiu, pois segundo ele, toda fotografia é um certificado de presença.” Dessa maneira, pode demonstrar a vivência do autor e representa, ou seja, mostra a realidade do meio social em que o autor está, sendo assim, a fotografia se torna uma ferramenta, um recurso, que traz legitimidade ao trabalho de campo e o torna verossímil, já que vivemos em uma sociedade do “ver para crer”, onde tudo que pode ser comprovado por meio de vídeos ou fotografias, assim serão feitos.

Segundo Kossoy (1989, p. 15): “A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos passou a ser gradativamente documentada pela câmera”. Tais expressões por sua vez, passaram a ser utilizadas pelos antropólogos que se utilizaram então da fotografia a princípio como uma forma simplesmente de registrar, porém futuramente como documento, e ainda de acordo com o autor, as imagens que contenham valor documental são importantes para estudos específicos em algumas áreas, sendo a antropologia uma delas.

Kossoy apud Jean Keim (1971) afirma que é um engano pensar que o estudo da imagem poderá abdicar do signo escrito no que diz respeito ao processo de conhecimento, ou seja, quando esta é utilizada como documento, portanto de acordo com o autor:

Se a fotografia julga-se um documento e quer ser apresentada como tal, as informações escritas são de primordial importância. Esta verdade elementar é frequentemente esquecida pelos que consideram que a fotografia basta-se a si mesma. Ora tais informações são indispensáveis em todos os casos, seja quando o clichê é utilizado num trabalho de pesquisa, seja para fins educativos, seja para denunciar uma situação a título de informação (1989, p. 51).

Contudo, segundo essa citação, a fotografia tende a servir como complemento para a pesquisa, como forma de apêndice ao texto escrito. Consoante a isso, Godolphim (1995) tende a concordar com Kossoy (1989) em partes, pois para ele acrescentar legenda ou texto a uma imagem não é a única forma de compreender a interpretação proposta pelo pesquisador, pois a fotografias em si já possui linguagem narrativa que conecta a imagem ao tempo, quando exhibe a disposição dos elementos que a constituem, portanto a legenda agregada a uma imagem pode tanto delimitar quanto ampliar a interpretação do receptor da mesma, o que cria uma relação de complementaridade. Neste ponto Bittencourt (1998) acorda com Godolphim (1995), pois para ela a imagem tanto pode como deve ser utilizada como narrativa visual, mostrando o relato etnográfico da mesma maneira que um texto escrito, pois elas podem trazer a representação de fatos visíveis, bem como podem acrescentar outras formas representativas à descrição etnográfica, pois segundo Luciana:

Fotografias apresentam o cenário no qual atividades diárias, os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos. Existem estudos sobre os detalhes tangíveis representados em fotografias que permitem elucidação de comunicações verbais tais como um olhar, um sentimento, um sistema de atitudes, assim como mensagens de expressões corporais, faciais, movimentos (kinesics) e significados de relações espaciais entre pessoas (proxemics) e padrões de comportamento através do tempo (chrometrics). Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo (1998, p. 199).

Através da análise de fotografias, tem sido permitido reconstituir histórias culturais de determinados grupos sociais. Sendo assim, Bittencourt (1998) aponta que em uma pesquisa de campo, imagens coletadas podem ser utilizadas como fontes que ligam dados coletados a tradição oral dos grupos estudados e suas memórias, o que permite melhor entendimento do universo simbólico, e que acrescenta novas formas de interpretar a história cultural.

A imagem contribui com o registro etnográfico não somente como técnica que reproduz imagens parecidas com o mundo sensível, mas como produto de uma experiência vivida, o que faz com que quando ela for utilizada na etnografia como instrumento, abra capacidade para o estabelecimento de um diálogo aberto com outros meios de cultura. Neste sentido José de Souza Martins (2008) concorda com Bittencourt (1998), pois o autor também entende que a imagem fotográfica é utilizada pelos antropólogos e sociólogos como metodologia adicional nas técnicas investigativas. E também os historiadores a utilizam em suas listas de documentação como ampliação de evidências acerca do passado, uma vez que este recurso permite ampliar e enriquecer a variedade de informações coletadas, e pressupõe que a sociedade se equivale ao memorável.

Segundo Bittencourt (1998) a fotografia utilizada pelo trabalho etnográfico pode ser utilizada para expressar declarações visualmente, ou seja, como uma forma de visão própria do autor e para alcançar algum entendimento, servindo então como símbolo intermediário na pesquisa de campo. Sendo assim, a combinação dos modos de interpretação e reflexão tende a abrir diversos significados para análise, trazendo assim uma perspectiva para a utilização da fotografia.

Por outro lado Kossoy (1989) afirma que imagens trazem informações ao seu modo, em sua expressão e estética próprias, pois ainda conforme o autor, toda fotografia, além de resíduo do passado, é testemunho visual, e também nela se pode detectar mais do que elementos que lhe derem origem, bem como na linguagem escrita.

Quando a antropologia ou a sociologia utilizam as imagens em sua prática, conseguem demonstrar que a observação possui limitações quanto à produção de conhecimento, e além de método tanto a linguagem visual como a audiovisual podem se mostrar eficazes na compreensão do imaginário, pois de acordo com Aumont (2005), a ilusão é buscada como forma de indução ao estado imaginário particular.

A princípio o foco da utilização da imagem na antropologia era voltado ao conteúdo, como uma alternativa mais objetiva de registrar os dados etnográficos, porém, essa ganhou outras possibilidades.

Há ainda, uma aproximação, na qual as imagens são objetos reflexivos e analisáveis e a imagem passa então a ser entendida como ponto de partida para uma reflexão sobre situações determinadas, constituindo ou não materiais a ser incluído na apresentação final do trabalho.

Tanto a sociologia quanto a antropologia cultivam a esperança de que a fotografia possa ser utilizada como registro e fonte de informações sociológicas e antropológicas sobre a realidade social (SOUZA MARTINS, 2008). Contudo, as imagens têm invadido cada vez mais nosso dia a dia, impossibilitando deixar de lado as vantagens que esse tipo de suporte pode oferecer.

No entanto, como afirma Bittencourt (1998), a entrada da imagem nesses meios conduzem a dúvidas, indagações e experimentos que enriquecem o conhecimento que estas ciências produzem, bem como aumentam a consciência das limitações que as técnicas reconhecidas trazem, e a consciência da relatividade da sua importância, pois tanto a forma de documentação verbal, quanto a fotografia podem trazer dúvidas. Sendo assim, a seguir será tratado sobre algumas dificuldades que as imagens encontram ao serem inseridas na Antropologia.

3.2 Algumas dificuldades

Bem como é sabido que a Antropologia sempre teve interesse pelas imagens, pelo visual, é certa também a dificuldade encontrada por ela quanto à forma como lidar com ele na prática antropológica, o que se

exprime até na dificuldade que existe em se estabelecer um estatuto claro para esse campo, porém não há aqui a pretensão de discutir e nem debater sobre tal tema, e sim de fazer uma exposição de algumas ideias quanto às dificuldades do uso da imagem na antropologia.

O uso da imagem na Antropologia é talvez impactante como outrora houvesse sido a utilização do gravador, porém, pesquisadores rigorosos ainda tem resistência em aceitar essa nova técnica, pois para eles, seus meios de anotações e entrevistas continuam sendo seus principais modos de obter registros de informação. Concernente a isso, Kossoy (1989) afirma que não seria exagero dizer que há certo preconceito ainda na utilização da fotografia como instrumento de pesquisa. Sendo assim, Barthes (2011, p. 38) tem a “[...] fotografia como contingência pura, e que só pode ser isso, pois é alguma coisa representada, diferente do texto, que causa ação repentina em uma única palavra”. Por esse motivo, de o texto causar ação repentina, diferente da fotografia que não se expressa sozinha, que possivelmente surja um dos maiores preconceitos da utilização da fotografia na Antropologia.

Segundo Sontag (2004), fotos dão informação e fazem um inventário, porém não há como se compreender nada através de uma foto, uma vez que esta não consegue ser um conhecimento ético ou político, pois o conhecimento adquirido através de fotos será sempre uma forma de sentimentalismo, ou seja, uma aparência de conhecimento. Portanto fotografias realmente tendem a ser utilizadas na Antropologia como uma forma de complemento escrito, embora segundo Susan, fotografar seja uma maneira de atribuir importância, pois uma foto pode conferir valor a seu tema.

De acordo com Kossoy (1989), o mundo se tornou “familiar” após o surgimento da fotografia, pois o homem teve conhecimento maior e preciso de realidades outras, que até então eram transmitidas somente pela escrita, iniciando assim um conhecimento novo e detalhado do mundo, no entanto, a imagem fotográfica não alcançou status de documento, o que sempre significou o documento escrito, porém, ainda segundo o autor, toda fotografia é produzida com uma finalidade documental e iconográfica, contudo ela não pode ser entendida sempre como documento, e ainda de acordo com o autor em sua assertiva, mostra que fotografias são apenas ilustrações ao texto. Portanto, em trabalhos etnográficos, a imagem é então empregada como apêndice ao texto, que ainda é predominante nessa área. Consoante a isso, Mead (1975) afirma que grande parte do problema do uso de recursos imagéticos reside no fato de a imagem gerar certo choque dentro da Antropologia, que porventura seria a “disciplina das palavras”. Em concordância ao assunto, Humberto Martins (2013) em seu artigo intitulado “Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo” aponta que as imagens tendem a ser pouco usadas, ou usadas sem que haja reflexão, tendo então somente interesse em mostrar os contextos e sujeitos investigados, ou seja, apenas como registro que visa garantir e tornar autêntica ou garantir uma evidência objetiva da presença no terreno de estudo, tendendo a tornarem-se residuais ou marginais frente ao lugar que o texto escrito ocupa.

De acordo com Souza Martins (2008), a imagem fotográfica na sociologia e na antropologia chegou a ser considerada, e ainda é por muitos, objeto de complemento na objetividade das pesquisas, porém pode haver ressalvas ligadas ao risco de subjetividade que a expressão visual pode causar.

Outro possível problema de utilização da fotografia é segundo Godolphim (1995), que ela teria um discurso somente imagético, que se encontra restrito aos elementos de composição da imagem, ou seja, a fotografia dificilmente irá propor uma interpretação, por se limitar apenas a constatação, pois sem o olhar atento do pesquisador, ela se tornará apenas mais uma descrição rasa. Enquanto pesquisadores continuarem se atentando mais às descrições e interpretações por meio de palavras, menos chances a fotografia terá e maior a dificuldade de sua inserção no meio.

Contudo é crescente a utilização da mesma entre os pesquisadores, mas fazendo o seu uso sem maiores conhecimentos operacionais do dispositivo e produzindo imagens sem qualidade, o que aponta que a Antropologia Visual não tem marcas metodológicas. Nesse sentido Etienne Samain (1995) mostra que há uma inconsistência em determinadas tentativas de pesquisadores que utilizam aparatos visuais sem uma formação antropológica, pois mesmo que empreendimentos visuais impressionem pela estética, se o antropólogo não souber medir a viabilidade das realizações que buscam, ou imaginarem que podem economizar na complexidade dos fatos antropológicos que buscavam registrar, esses terão uma decepção.

Samain (1995) afirma ainda que outra dificuldade se dá pelo fato de alguns antropólogos desprezarem continuamente a possibilidade de uma antropologia visual por não quererem, ou provavelmente por não saberem traduzir e reinventar alguns conceitos antropológicos, ou ainda, por não terem percebido a urgência de se repensar as relações fundamentais entre as ciências humanas e as da comunicação. Conforme Martins (2013), não existe uma definição estatutária em termos da produção argumentativa, que poderia se traduzir na utilização de mais imagens, sejam elas fotografias, filmes, ou desenhos, tanto em apresentações orais quanto em artigos,

com maior exploração dos conteúdos de interpretação associados em um cruzamento mais proveitoso das várias técnicas de pesquisa.

Outro problema encontrado de acordo com Godolphim (1995) é concernente a como representar através de fotografias as possibilidades de entendimento. Em face disto, Susan (2004) mostra que na linguagem humanista, o maior poder da fotografia se resume em explicar o homem para o homem, porém fotos não elucidam e sim constataam.

De acordo com Humberto Martins, “Em 1975 Mead fazia um apelo 'desesperado' ao uso dos meios visuais, alegando que o eventual desconhecimento das técnicas e o receio de utilizá-las mal por parte dos seus colegas antropólogos seria uma não questão” (2013, p. 407). Ainda segundo o autor, outra dificuldade do uso da imagem, principalmente da fotográfica, é que “[...] à cultura não se acedia por comportamentos, práticas ou através de elementos materiais, o que significaria uma quase impossibilidade epistemológica da sua representação visual.” (2013, p. 404). Martins afirma ainda que há também uma ênfase depreciativa, como se o “outro” fosse apresentado como muito exótico no que diz respeito ao conceito que referencia a antropologia, criando uma dimensão espetacular do registro de imagens, o que pode gerar a perda de controle do autor em detrimento da utilização das imagens, bem como uma superficialidade na abordagem, uma vez que esta pode causar a falta de tempo de estudo dedicado ao que será representado, ou seja, este será talvez um trabalho de campo que provavelmente não investigará profundamente a realidade estudada. Consoante a isso, Andréa Barbosa atesta que:

Algumas vezes, a dificuldade parece estar centralizada na dicotomia entre objetividade e subjetividade. Os propósitos científicos buscam a precisão e a objetividade como meios privilegiados de apreender e compreender a realidade e, nesse sentido, a polissemia da imagem parece se tornar um obstáculo. Outras vezes, parece estar localizada no duplo desafio que empreender uma pesquisa a partir ou junto à linguagens expressivas impõe: de um lado dar conta das questões antropológicas que ambicionamos enfrentar (2014, p. 3).

Enfim, são muitas as críticas em relação às dificuldades encontradas nos usos das imagens pela antropologia, porém não cabe aqui fazer uma apresentação extensa. São apenas breves reflexões acerca do uso da fotografia na antropologia.

4. Considerações Finais

Enfim, antropologia e fotografia estão ligadas desde o princípio, pois nasceram concomitantemente no século XIX, século este que marcou o encontro dessas práticas. A aproximação das mesmas caracterizou o surgimento e distinção de uma etnologia dos registros visuais, o que possibilitou um apontamento para as principais questões sobre as formas de representação.

Tal fato tornou mais fácil o contato dos antropólogos com o mundo, pois havia então novos métodos etnográficos e novos instrumentos audiovisuais e então o que era restrito a laboratórios se estendeu a um maior número de pessoas.

Houve a partir de então um crescente número de expedições científicas de várias matérias e as novas técnicas audiovisuais possibilitaram o registro de ocorrências de um mundo mais aberto, permitindo uma maior apreensão da diversidade social e racial.

Essa decorrente utilização das imagens na antropologia fez com que vários antropólogos utilizassem imagens em seus trabalhos e consoante a isso, foram abordadas algumas práticas que utilizaram imagens a fim de resgatar a memória de um povo que estava fadado a desaparecer, e outras práticas que fizeram do uso da fotografia mais que um apêndice ao texto, uma vez que as imagens nestes exprimiam um caráter explicativo.

Os trabalhos de Alfred Haddon, Joseph Kossut Dixon e Edward Curtis foram trabalhos que tiveram a finalidade de resgatar memórias e os trabalhos de Malinovski e Bateson e Mead tiveram finalidades mais profícuas com as imagens utilizadas, pois estas buscavam passar mais que uma mera ilustração.

Malinovski utilizou a fotografia com a finalidade de apresentar um pouco da cultura do trobriandês, enquanto Margareth Mead e Gregory Bateson buscavam apresentar não um ou outro caráter isolado do trabalho de campo e sim constituir descrições e interpretações relacionadas às imagens coletadas.

Às vistas disso, coube então tratar a respeito de algumas especificidades que a fotografia tem na antropologia, uma vez que fotos possibilitam investigação e descoberta, dinamizando o processo de coleta de

dados e abrindo novas possibilidades de análise e interpretação, sendo uma fonte inesgotável de informação e visual, tornando os trabalhos etnográficos informacionais.

Fotografias tem também o poder de fornecer testemunho, pois pode provar que o antropólogo esteve no local, atestando que o que se vê realmente existiu, fato este que por sua vez é tido também como uma das dificuldades acerca do uso da fotografia pela antropologia, pois as imagens tendem a ser pouco utilizadas, ou usadas sem que haja reflexão, sendo usadas apenas como forma de evidenciar e mostrar os contextos e sujeitos evidenciados.

Outra crítica que concerne ao uso da fotografia é o fato de haver ressalvas ao risco de subjetividade e objetividade que ela transmite.

Contudo a utilização da fotografia é crescente entre os pesquisadores, porém usando-a sem maiores conhecimentos operacionais, produzindo assim imagens sem qualidade.

Há ainda uma urgência em se repensar as relações entre as ciências humanas e as comunicacionais, pois cabe representar possibilidades de entendimento através da fotografia. Entretanto cabe pensar o que a imagem pode trazer para um futuro na antropologia? Poderá a imagem audiovisual transmitir informações mais precisas?

Por fim, de acordo com o exposto é possível observar que são muitas as especificidades, bem como ainda existem críticas, no entanto são somente minhas primeiras reflexões a respeito do uso da fotografia na antropologia. Mediante as ideias apresentadas, em um segundo momento irei mergulhar na utilização do filme na pesquisa antropológica.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. 10,ed. São Paulo: Papyrus, 2005.
- BANKS, Marcus. **Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 176p. (Coleção Pesquisa Qualitativa).
- BANKS, Marcus; RUBY, Jay. Elisabeth Edwards, "Tracing photography", In: _____. (orgs.). **Made to Be Seen: Perspectives on the History of Visual Anthropology**. Chicago e Londres, The University of Chicago Press, p. 159-189, 2011,
- BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (Coleção Passo- a- Passo 68).
- BARBOSA, Andrea. **Imagem, Pesquisa e Antropologia**. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 3, n. 2, p. 3-8, 2014.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fonteira, 2011. 136p.
- BRANDON, Sara. **Edward Curtis, uma construção imagética do índio norte-americano**. Revista STUDIUM. n. 9, outono 2002. Disponível em < <http://www.studium.iar.unicamp.br/nove/2.html>>. Acesso em: 16 jun. 2016.
- BECKER, Howard. S. **Balinese Character: uma análise fotográfica de Gregory Bateson e Margareth Mead**. In: Cadernos de Antropologia e Imagem 2. p. 137-143. 1996.
- BITTENCOURT, Luciana A. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN-BIANCO. Bela; LEITE. Míriam L. M. (orgs.). **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- EDWARDS, Elizabeth. **Antropologia e Imagem**. In: Cadernos de Antropologia e Imagem 2. p. 11-28. 1996.
- FREIRE, Március. **A descrição visual em antropologia. O exemplo de Balinese Character**. Devires- Ciências e Humanidades. V. 1, n. 1, 2003.
Disponível em: <[http:// www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/view/244](http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires/article/view/244)>. Acesso em: 04 jun. 2016.
- GODOLPHIM, Nuno. **A Fotografia como recurso narrativo: Problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.
- HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, **Entrevista com Milton Gurhan**. Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 209-219, jul./set. 1995.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989. 112p.
- MALINOVSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico**. In Ethnologia. n. 6-8, p. 17-37, 1997.
- MARTINS, Humberto, **Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo**, Etnográfica [Online], vol. 17, n. 2, p. 395-419, 2/2013. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/3168; DOI: 10.4000/etnografica.3168>>. Acesso em: 18 mai. 2016.
- MASSACHUSETTS HISTORICAL SOCIETY, **Photographs from the Wanamaker Expeditions, 1908-1913**. 2016. Disponível em: <http://www.masshist.org/photographs/nativeamericans/essay.php?entry_id=75>. Acesso em: 12 jun. 2016.

MEAD, Margaret. 1975, “**Visual anthropology in a discipline of words**”, In: Paul Hockings (org.), Principles of Visual Anthropology. Haia e Paris: Mouton Publishers. p. 3-10, 2003.

MENDONÇA, J. M. de. **Pensando a visualidade no campo da antropologia: reflexões e uso da imagem na obra de Margareth Mead** - Campinas, SP: [s.n.], 2005. Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

MULLINS, Steve. **Haddon, Alfred Cort (1855-1940)**. Australian Dictionary of Biography, v. 14, (MUP), 1996. Disponível em: < <http://adb.anu.edu.au/biography/haddon-alfred-cort-10386> >. Acesso em: 12 jun. 2016.

SAMAIN, Etienne. “**Ver**” e “**Dizer**” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SÔLHA, Helio Lemos. **A construção dos olhares: imagem e antropologia visual**. Campinas, SP: [s.n.], 1998. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

SOUZA MARTINS, J. de. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto. 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. 224p.

TACCA, Fernando de. **O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar., p. 191-223. 2011.